



ARQUITETURA APROPRIADA: CONJUNTO MBV2 EM SOBRAL-CE

APPROPRIATE ARCHITECTURE: MBV2 COMPLEX IN SOBRAL-CE

ARQUITECTURA APROPIADA: CONJUNTO MBV2 EN SOBRAL-CE

FRONTEIRAS ESPACIAIS

BRAGA, Bruno Melo

Doutorando; PPGAU+D - UFC

brunobraga@ufc.br

CATTONY, Luiz Mattoso

Mestre; PPGAU+D - UFC

luiz.cattony@unichristus.edu.br

MENESES, Bianca Feijão de

Mestra; NPGAU - UFMG

biancafmeneses@gmail.com

ARQUITETURA APROPRIADA: CONJUNTO MBV2 EM SOBRAL-CE

RESUMO

O contexto de destruição enfrentado no pós-guerra e as soluções de reconstrução elaboradas naquele momento foram motivadores para a discussão, no campo do conhecimento da arquitetura e urbanismo, do tema da apropriação na arquitetura por parte de seus usuários. Esta discussão, no entanto, não se restringe àquele contexto espacial e temporal, e adquire relevância frente à transitoriedade cada vez mais rápida dos espaços construídos. A fim de explorar o tema partindo de um caso concreto, propõe-se o estudo do Conjunto MBV2, um complexo de vinte e quatro residências unifamiliares e um edifício misto situado em Sobral, Ceará. Por meio do comparativo entre o projeto original e modificações realizadas em três residências, tem-se como objetivo principal analisar as formas de apropriação ocorridas no conjunto, a partir do entendimento da arquitetura como suporte, baseado no termo cunhado pelo arquiteto holandês N. John Habraken. Nesse sentido, o artigo encontra-se estruturado em quatro partes: inicialmente situa-se sobre o projeto, para depois construir a base teórica que norteia a análise. Em seguida, são apresentadas as estratégias de projeto adotadas no projeto, para, por fim, analisar com mais detalhes as apropriações realizadas pelos moradores. Espera-se, assim, contribuir para uma prática de projeto que assuma a edificação como objeto inserido no tempo e que abra margem para apropriações das pessoas que de fato vivenciam os espaços.

PALAVRAS-CHAVE: teoria dos suportes. apropriação. flexibilidade. projeto arquitetônico.

ABSTRACT

The context of destruction faced in the post-war period and the reconstruction solutions developed at that time were motivators for the discussion, in the field of architecture and urbanism, about the theme of appropriation in architecture by its users. However, this discussion is not limited to that spatial and temporal context and gains relevance in light of the increasingly rapid transience of built spaces. In order to explore the theme based on a concrete case, this study proposes an examination of the MBV2 Complex, a development of twenty-four single-family homes and a mixed-use building located in Sobral, Ceará. Through a comparison between the original design and modifications made to three residences, the main objective is to analyze the forms of appropriation occurring within the complex, based on the understanding of architecture as a support, a concept coined by Dutch architect N. John Habraken. In this sense, the article is structured in four parts: it begins with an overview of the project, then builds the theoretical framework that guides the analysis. Next, the design strategies adopted in the project are presented, and finally, a more detailed analysis of the appropriations made by the residents is conducted. It is hoped that this will contribute to a design practice that considers buildings as objects embedded in time and allows for appropriations by the people who actually inhabit the spaces.

KEYWORDS: support theory, appropriation, flexibility, architectural design.

RESUMEN

El contexto de destrucción enfrentado en la posguerra y las soluciones de reconstrucción elaboradas en ese momento fueron motivadores para la discusión, en el campo del conocimiento de la arquitectura y el urbanismo, sobre el tema de la apropiación en la arquitectura por parte de sus usuarios. Sin embargo, esta discusión no se limita a ese contexto espacial y temporal, y adquiere relevancia frente a la transitoriedad cada vez más rápida de los espacios construidos. Con el fin de explorar el tema a partir de un caso concreto, se propone el estudio del Conjunto MBV2, un complejo de veinticuatro residencias unifamiliares y un edificio de uso mixto situado en Sobral, Ceará. A través de la comparación entre el proyecto original y las modificaciones realizadas en tres residencias, el objetivo principal es analizar las formas de apropiación ocurridas en el conjunto, a partir del entendimiento de la arquitectura como soporte, basado en el término acuñado por el arquitecto holandés N. John Habraken. En este sentido, el artículo se estructura en cuatro partes: inicialmente se sitúa sobre el proyecto, para luego construir la base teórica que guía el análisis. A continuación, se presentan las estrategias de diseño adoptadas en el proyecto y, por último, se analiza con más detalle las apropiaciones realizadas por los residentes. Se espera, así, contribuir a una práctica de diseño que considere el edificio como un objeto insertado en el tiempo y que permita las apropiaciones de las personas que realmente viven los espacios.

PALABRAS-CLAVE: teoría de soportes, apropiación, flexibilidad, proyecto arquitectónico.

INTRODUÇÃO

O tema da apropriação na arquitetura por parte de seus usuários vem sendo discutido há bastante tempo, em especial a partir das revisões críticas dos anos 1960. No recorte específico da moradia, esse debate focou, em um primeiro momento, em discutir alternativas para a habitação em massa, muito vinculada ao contexto europeu da reconstrução no período pós-guerra. Essa discussão, no entanto, também se aplica a outros lugares e demandas, como no caso do Brasil e do restante da América Latina, se relacionando bastante à questão da informalidade da construção.

Trazendo para a contemporaneidade, o tema torna-se relevante, também, frente à transitoriedade cada vez mais rápida dos espaços construídos, considerando novas formas de morar e novos arranjos sociais. Aliando isso a uma crescente necessidade de se pensar em construções mais capazes de adaptar a mudanças de forma a evitar sua rápida obsolescência e geração de resíduos desnecessários, uma vez que encaramos uma grave crise ambiental, torna-se urgente discutir como é possível pensar em estratégias projetuais capazes de gerar soluções arquitetônicas que suportem tais mudanças, que são inerentes à vida útil das edificações.

A fim de explorar o tema partindo de um caso concreto, adotou-se como recorte de estudo o projeto do Conjunto MBV2, um complexo de vinte e quatro residências unifamiliares e um edifício de uso misto construído em Sobral, Ceará, cujo projeto foi desenvolvido pelo escritório Rede Arquitetos entre 2017 e 2018, e a construção do conjunto foi concluída em 2020.

A partir do exposto, este trabalho tem como principal objetivo analisar as formas de apropriação ocorridas no Conjunto MBV2, por meio do comparativo entre o projeto original e as modificações realizadas em três residências. A análise se dará a partir do entendimento da arquitetura como suporte, utilizando o termo cunhado pelo arquiteto holandês N. John Habraken em sua publicação de 1961, mas a partir de uma leitura que considera o recorte temporal e espacial da obra em questão.

Para isso, inicialmente será apresentado o projeto do conjunto para, na sequência, detalhar a lógica de suporte adotada, onde serão pormenorizadas três estratégias de projeto aplicadas: posicionamento das áreas fixas; posicionamento dos vazios; generosidade e indeterminação espacial. Por fim, a partir de visita feita quatro anos após a conclusão da obra - onde foram verificadas diferentes mudanças realizadas por parte dos ocupantes das edificações -, serão apresentadas algumas das apropriações mais representativas, a fim de investigar a relação entre elas e as três estratégias projetuais adotadas.

Espera-se, assim, trazer um exemplo prático vinculado a uma abordagem teórica da arquitetura, de forma a sistematizar uma possibilidade de análise a partir da lógica da arquitetura como suporte, com possíveis aplicações em outros casos similares, em especial em contextos do Sul Global, como é o caso da América Latina.

O PROJETO

Sobral é um município situado no interior do Ceará, a cerca de 230 quilômetros de Fortaleza, e que conta com uma população de pouco mais de 210 mil habitantes. O projeto do Conjunto MBV2 foi uma demanda de um cliente privado da cidade, que possuía 25 terrenos em um grande loteamento situado em uma área de expansão leste do município, chamado Moradas da Boa Vizinhança 2.

Inicialmente, a demanda solicitada foi a construção de 25 unidades duplex iguais, a serem alugadas pelo proprietário. Ao analisar os lotes disponíveis e a legislação local, identificaram-se três oportunidades: resolver as casas apenas no pavimento térreo, reduzindo o custo de investimento do proprietário; projetar dois tipos de unidades, com dois ou três quartos, conforme as dimensões dos lotes; e propor outros usos além do residencial, uma vez que o terreno da esquina, de maior dimensão, permitia um pequeno edifício de uso misto. Essas três oportunidades relacionam-se à leitura do conjunto como um projeto na escala urbana, uma vez que ocupar 25 lotes amplia a dimensão individual da casa. A figura a seguir apresenta a relação entre as residências e o edifício misto:



Figura 1 – Visão do conjunto comparando os anos de 2020 e 2024. Fonte: Igor Ribeiro (2020) e acervo dos autores (2024).

Partindo desse entendimento do todo, o projeto também deveria dar conta das unidades individualmente, não como um aglomerado de objetos independentes, mas como um conjunto integrado por uma lógica sistêmica. Tratando das residências unifamiliares, foi desenvolvido um módulo base, a partir da posição de seus elementos fixos, como infraestruturas, e dos vazios que compõem o espaço, ampliando, no caso dos lotes maiores, o equivalente a um novo possível quarto. No caso do edifício de uso misto, este se torna um ponto diferenciado no sistema, o que é evidenciado inclusive em sua materialidade, mas também partindo da mesma lógica de posicionamento dos elementos fixos a fim de compor as unidades térreas de comércio com os pequenos apartamentos nos dois pavimentos superiores. A planta a seguir permite uma apreensão geral do conjunto:

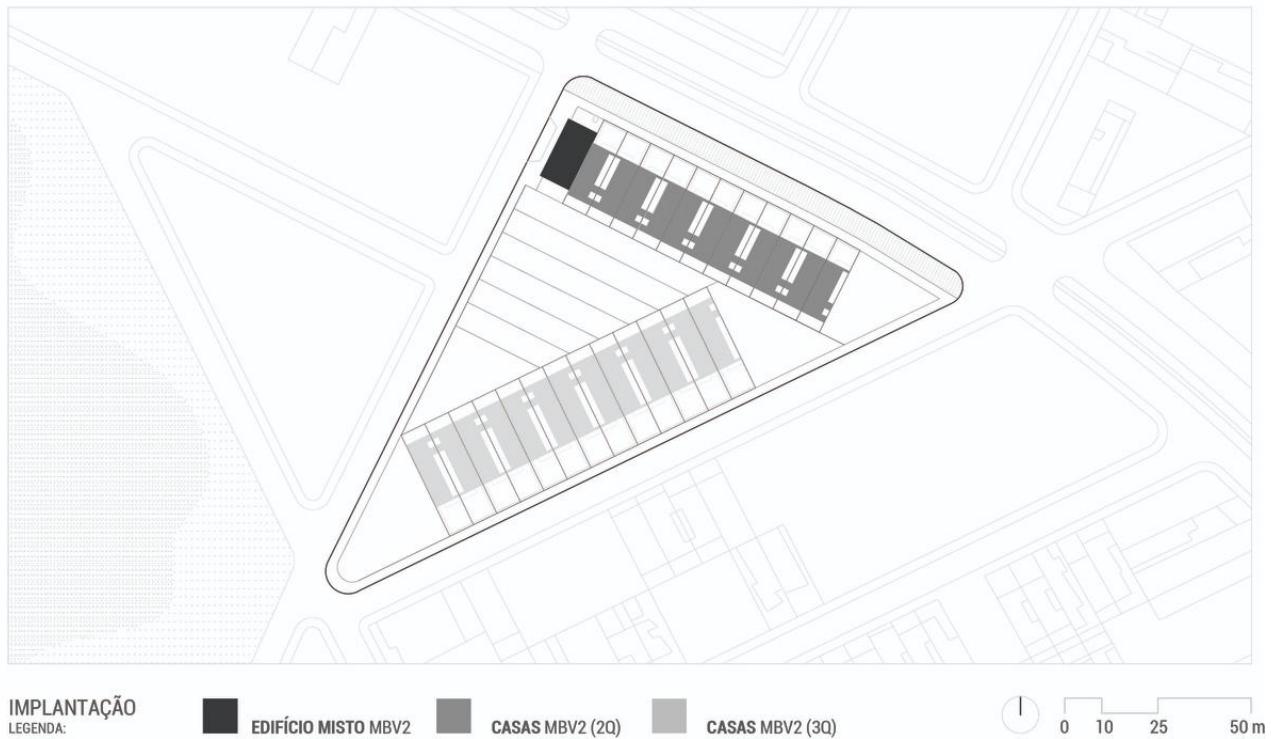


Figura 2 – Planta de implantação do conjunto MBV2. Fonte: Elaboração própria (2020).

A partir dessa lógica sistêmica, algumas estratégias foram adotadas a fim de permitir pensar nas unidades não como casas prontas e repetidas, mas como suportes capazes de serem apropriados pelos futuros moradores, que poderiam fazer intervenções e adequações de acordo com suas necessidades e preferências. Como será visto posteriormente, as apropriações foram muito além de simples alterações de layouts ou mesmo de mudanças de posição de parede. A fim de investigar como tais apropriações dialogam com algumas das estratégias adotadas pelo projeto, vale fazer uma breve conceituação dessa abordagem do edifício como suporte, principalmente a partir da teoria trazida nos anos 1960 por N. John Habraken.

ARQUITETURA-SUPORTE

A ideia de suporte deriva da Teoria dos Suportes, elaborada por N. John Habraken na década de 1960. Naquele momento, esta e outras reflexões com forte caráter propositivo - algumas de teor mais utópico, como as do grupo inglês *Archigram*, outras com maior teor prático - foram desenvolvidas em função do cenário pós-guerra e da demanda repentina de reconstrução dos países mais atingidos, sobretudo de uma provisão significativa de moradia à população desabrigada.

A reflexão de Habraken, então, gira em torno do processo de massificação da habitação, a partir da percepção de “[...] um conflito entre o método que a partir do profissional aparenta ser melhor, e a instintiva reação contrária por parte do usuário” (Habraken, 2011, p. 2, tradução nossa). Para o autor, a existência deste conflito revela uma conexão indissociável entre morador e método, de modo que, como reflete em seguida, a suposta insolubilidade do déficit habitacional pode ser também derivada de uma antítese entre os modos usualmente empregados pelos técnicos no projeto e na construção dessas habitações e os residentes, que de fato às vivenciam.

A antítese percebida pelo autor, como se viu, se deu no cenário de ampla reconstrução do pós-guerra, em que, naquele contexto emergencial, os técnicos adquiriram maior centralidade na produção das moradias - tirando de cena qualquer ação dos moradores - e focaram na produção de edificações uniformes, que posteriormente se mostraram monótonas, geradoras de espraiamento urbano e, por consequência, fadadas à obsolescência (Habraken *et al*, 2000). Talvez esse método se justificasse naquele momento, mas não como um pensamento a ser levado adiante, em outros contextos. A Teoria dos Suportes se estrutura então como uma alternativa a esse método, a partir do reconhecimento dos diversos agentes que participam do processo de produção de moradia, desenvolvendo maneiras de conciliá-los segundo níveis de decisão e, nessa lógica, efetivamente incluindo a tomada de decisão do morador. Em outras palavras, a Teoria dos Suportes propõe o resgate da chamada “relação natural”, uma relação a partir da qual o morador espontaneamente toma decisões na sua moradia, por meio do atendimento às suas demandas e suas preferências, passando a ter efetivamente posse de sua casa.¹

Tem-se, desta maneira, uma ideia chave da teoria: entender o projeto, a construção e uso das moradias não como uma sequência linear de atividades técnicas, mas como uma constante conciliação de agentes. Tal conciliação, todavia, não adota como critério necessariamente a posse de um conhecimento específico, nem as atribuições no processo (planejar, construir, ou morar, por exemplo). Sob outra perspectiva, propõe-se que os agentes sejam conciliados no processo conforme a pertinência da tomada de decisão em cada momento. Estas decisões podem ocorrer ainda segundo níveis de coletividade, de modo que uma dimensão mais coletiva deve ser decidida em conjunto e derivarão no suporte da edificação, ao passo em que decisões mais individuais resultarão no recheio. Seguindo esta linha de raciocínio, há uma tendência de que o suporte consista em uma parte mais permanente da edificação, sendo o recheio mais mutável. Portanto, a Teoria dos Suportes pauta-se, primordialmente, nos acordos estabelecidos entre gestores, técnicos e moradores, considerando o processo de projeto, construção e uso das edificações. Assim, mesmo originada em um contexto espacial e temporal distinto, o entendimento da Teoria dos Suportes enquanto uma abordagem política (Kendall, 2022), permite pensá-la como a orientação para uma proposta de processo compartilhado, porém sem condicioná-lo a moldes ou formas específicos, tornando-o aplicável no recorte temporal e espacial do projeto em questão.

Nesse sentido, é relevante discutirmos, tendo em conta o nosso papel enquanto técnicos envolvidos, como a noção de acordo perpassa o processo de projeto. Primeiramente, é válido ressaltar que considerar o acordo não significa necessariamente promover momentos participativos: em primeiro lugar, no caso do Conjunto MBV2, um projeto destinado a inquilinos ainda desconhecidos inviabilizaria qualquer promoção de momentos deste caráter; em segundo, considerando a imprevisibilidade das demandas e das preferências dos moradores em 28 moradias diferentes, mesmo o evento com todos os moradores não seria capaz de contemplar as diferentes possibilidades de apropriação posteriores. Não seria possível - e nem desejável - controlar os elementos mutáveis, de modo que, para proporcioná-los, a chave estaria em pensar o projeto a partir dos elementos fixos. Caberia à parte técnica, então, a proposição do que entendemos por Arquitetura-Suporte (Meneses, 2023, p. 131): “um suporte habitável, seguro e flexível, a partir do qual

¹ O autor diferencia em sua teoria os conceitos de propriedade (*property*) e posse (*possession*). O primeiro se refere aos termos legais, enquanto o segundo está intimamente ligado à ação sobre algo: “Algo se torna nossa posse porque nele imprimimos um sinal, porque lhe damos o nosso nome, ou o desfilamos, porque mostra traços de nossa existência” (Habraken, 2011, p. 15, tradução nossa). Este esclarecimento torna-se fundamental na presente reflexão pelo fato de as casas do Conjunto MBV2 serem todas alugadas, o que, a priori, tenderia a desestimular qualquer modificação de caráter mais permanente, bem como o desenvolvimento de um sentimento de posse pelos locatários.

os moradores possam decidir conforme as suas preferências, necessidades e disposições”, a ponto de ser replicado inúmeras vezes e atender, com qualidade, as variadas demandas dos moradores que passem por ali.

ESTRATÉGIAS PROJETUAIS

Trazendo a discussão da Arquitetura-Suporte especificamente para o projeto do conjunto, o suporte foi compreendido a partir da alta determinação dos espaços mais duráveis e mais onerosos da edificação, conciliada com a generosidade e indeterminação espacial dos demais espaços. Esta lógica derivou nas seguintes estratégias de projeto: (1) posicionamento das áreas fixas, (2) posicionamento dos vazios, e (3) generosidade e indeterminação espacial. As estratégias serão pormenorizadas a seguir. Vale destacar que este trabalho foca apenas nos projetos das unidades unifamiliares de dois e três quartos, não contemplando o projeto do edifício de uso misto.

Posicionamento das áreas fixas

Acerca da primeira estratégia, o projeto das unidades unifamiliares conta com três pontos mais fixos referentes às infraestruturas hidrossanitárias: um posicionado mais próximo à entrada, servindo ao ambiente de chegada, e, no caso da unidade de três quartos, ao primeiro quarto; outro mais central, com ligação direta possível para os dois quartos seguintes; e, ao final, um ponto fixo com acesso direto ao quintal, mas que também é possível de se conectar ao último quarto. As faixas de estrutura - pilares e vigas - coincidem com as divisões dos ambientes, de forma a garantir que o arranjo interno proposto seja mantido mesmo com mudanças posteriores.



Figura 3 – Planta das residências unifamiliares, com destaque para o posicionamento das áreas fixas.

Fonte: Elaboração própria (2024).

Assim, as duas opções de planta das unidades se configuram como uma sequência de ambientes intercalados por essas faixas de estruturas e infraestruturas, perpendiculares ao maior sentido dos lotes, de forma a garantir ligação direta entre esses ambientes e os pontos hidráulicos. Essa decisão também está relacionada com a incorporação dos recuos como pátios internos para os ambientes, como será apresentado na próxima estratégia.

Posicionamento dos vazios

Como já mencionado, parte fundamental da qualificação ambiental dos espaços internos foi a incorporação dos recuos mínimos obrigatórios como pátios internos para os ambientes. Assim, todos os cômodos, além de estarem diretamente ligados com infraestruturas molhadas, são supridos com pátios abertos, permitindo iluminação indireta e controlada e ventilação. A imagem a seguir apresenta como se conformam os pátios no interior da casa.

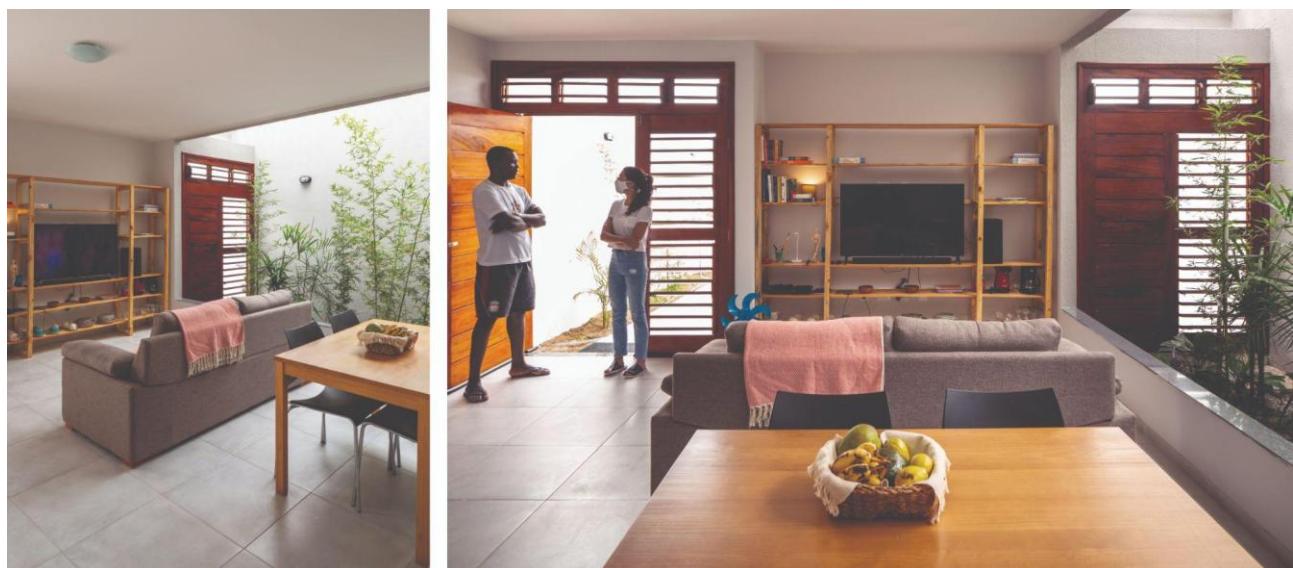
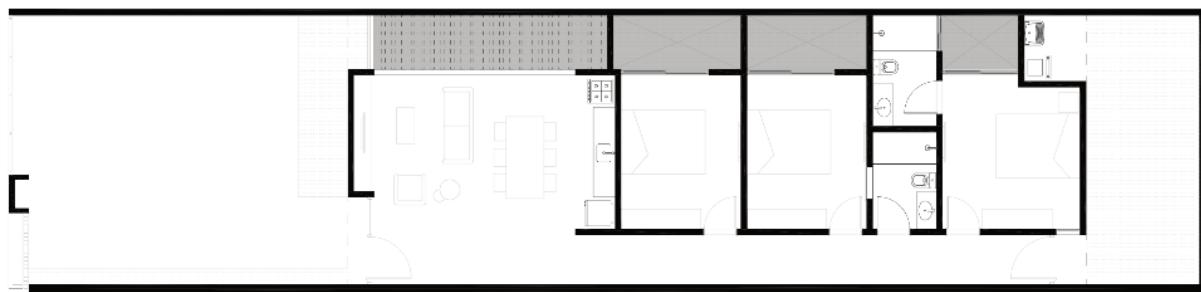
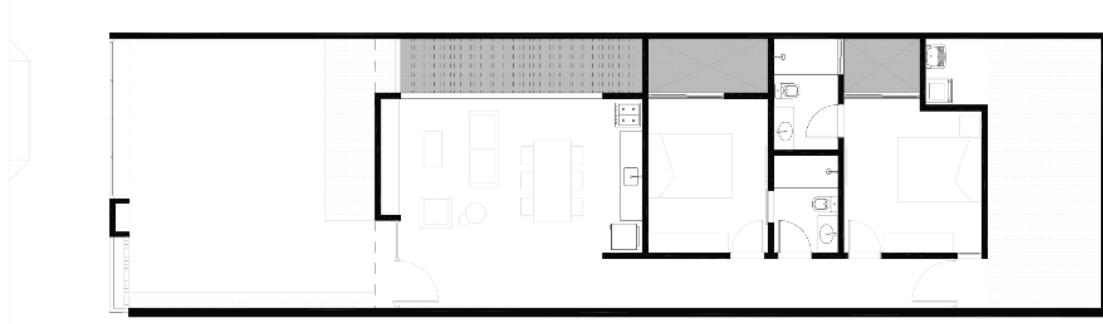


Figura 4 – Visão dos pátios internos das casas. Fonte: Igor Ribeiro (2020).

Se na primeira estratégia as faixas fixas foram posicionadas perpendiculares ao maior sentido do lote, aqui, justamente para aproveitar os recuos exigidos pela legislação, as faixas dos vazios são paralelas, percorrendo quase toda a unidade. A partir da fixação desses dois elementos - os elementos estruturais e infraestruturais -, foi possível, então, permitir uma qualidade ambiental e espacial para os ambientes de forma que eles pudessem ter um certo grau de indeterminação e polivalência, a terceira estratégia apontada.



posicionamento dos vazios
 planta baixa | 3 quartos



posicionamento dos vazios
 planta baixa | 2 quartos

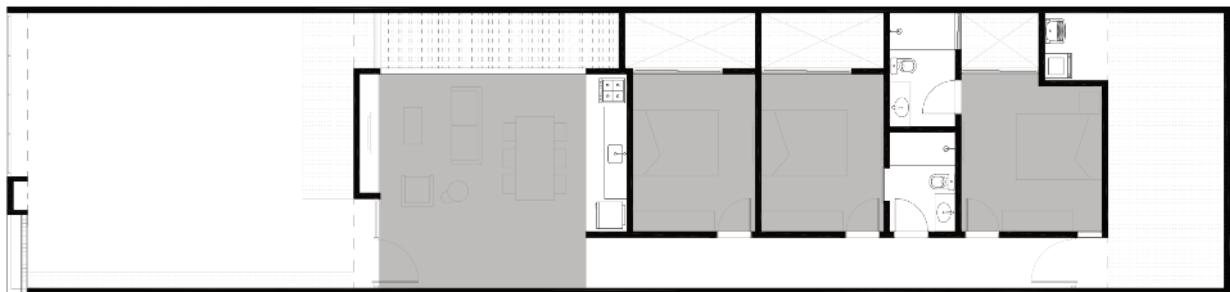


Figura 5 – Planta das residências unifamiliares, com destaque para o posicionamento dos vazios. Fonte: Elaboração própria (2024).

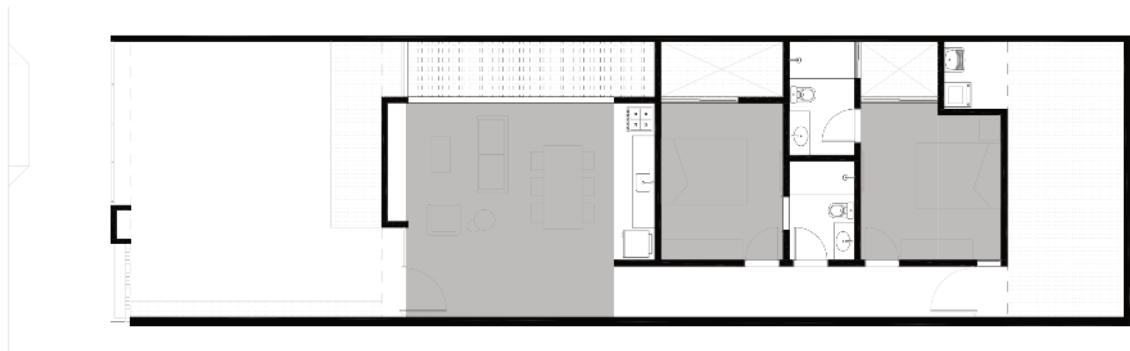
Generosidade e indeterminação espacial

A partir das duas estratégias anteriores, dentro do que foi colocado como Arquitetura-suporte, foram fixados os elementos considerados mais rígidos e estruturais para o projeto, de forma a criar adaptabilidade aos ambientes de uso menos determinado. Assim, foram pensados espaços generosos, capazes de se adequar a layouts e usos distintos, como será visto na análise das apropriações que ocorreram.

Por fim, vale destacar que o projeto que resulta dessas estratégias não foca tanto em permitir configurações distintas no sentido de quebras de parede ou reconfigurações espaciais, pela própria solicitação do cliente que, por ter a intenção de alugar as unidades e não vendê-las, queria ter algum controle sobre as intervenções futuras. Assim, a intenção do projeto foi de criar esse suporte estruturado a partir da fixação de certos elementos para viabilizar mais possibilidades de uso dos espaços resultantes.



generosidade e indeterminação espacial
planta baixa | 3 quartos



generosidade e indeterminação espacial
planta baixa | 2 quartos



Figura 6 – Planta das residências unifamiliares, com destaque para o posicionamento dos espaços menos determinados.
Fonte: Elaboração própria (2024).

APROPRIAÇÕES

A fim de analisar a relação entre as três estratégias destacadas com as apropriações realizadas pelos diferentes ocupantes das unidades, foi realizada uma visita em 2024, quatro anos após o final da obra, onde pôde-se observar algumas intervenções. Vale destacar, inicialmente, que a definição de apropriação adotada parte do entendimento proposto por Lefebvre e evidenciado por Maciel (2019):

Entre a dominação e a apropriação existiria uma ação fundamental, que Lefebvre explica através de um conceito mediador: o deslocamento, ou desvio (*détournement*). O deslocamento consistiria de uma prática inicialmente espontânea, e logo deliberada, que teria surgido com a arte das vanguardas do início do século XX. Lefebvre ilustra o conceito, na arquitetura, através de uma mudança não planejada de uso em que uma estrutura permanece enquanto novos usos são superpostos a usos originais que paulatinamente desaparecem e dão lugar ao novo. O deslocamento – ou desvio – das funções originais se constituiria em um meio para que a apropriação criativa das estruturas ocorresse. (Lefebvre, 2014, *apud* Maciel, 2019, p. 130)

Partindo dessa ideia de deslocamento das funções originais, serão inicialmente apresentadas percepções gerais sobre as apropriações ocorridas no conjunto MBV2, para, posteriormente, aprofundar três casos, visando relacioná-los com as estratégias propostas. A análise das apropriações se dá a partir de dois atributos dos espaços: forma e uso. Desta maneira, os casos

detalhados a seguir serão ilustrados por meio do zoneamento das plantas, considerando quatro possibilidades: (1) alteração da forma com alteração do uso, (2) alteração da forma com manutenção do uso, (3) manutenção da forma com alteração do uso, e (4) manutenção da forma com manutenção do uso.

Contextualização das apropriações

Ao observar o conjunto anos após a construção, percebeu-se que uma importante decisão de projeto se mostrou coerente com as demandas daquele contexto: a possibilidade de projetar um edifício misto no maior terreno, junto ao conjunto de casas relacionava-se à leitura da ocupação, vocação e necessidade do local em relação ao loteamento como todo. A quadra onde os terrenos se encontram situa-se na rua principal e próxima à entrada do bairro, sendo assim uma posição com bastante visibilidade daqueles que o adentram, e portanto favorável a usos não residenciais.



Figura 7 – Visão das fachadas das residências que mais sofreram alterações e que serão analisadas.

Fonte: Google Street View (2022).

Por ser um loteamento prioritariamente residencial, a proposta de ter pontos comerciais no conjunto, associados ao pequeno edifício, partiu do entendimento que pequenos comércios, como: padaria, mercadinho, lanchonete; que possuem pequenos raios de alcance, assim como serviços relacionados ao morar e construir, seriam importantes para a diversidade urbana da região e não deixariam que o loteamento virasse apenas um dormitório. Na prática, essa relação entre usos

residenciais e usos comerciais e de serviço se ampliaram para além do edifício, e já no início das ocupações estavam presentes nas casas também.

O que se percebe é que, com o passar dos anos, as alterações foram ficando mais evidentes e mais radicais. Analisando a figura acima, que são imagens de 2022 capturadas através do Google Street View, pode-se observar que em um primeiro momento as apropriações se deram mais pela mudança de uso sem mudança de planta, e praticamente sem mudança de fachada (ou, no máximo, pequenas placas ou mudanças na cor do muro). Como apresenta a figura a seguir, as apropriações visualizadas em 2024 geraram maiores impactos nas fachadas e nos muros do projeto original, além de modificações internas significativas.



Figura 8 – Fotos da visão das fachadas das residências que mais sofreram alterações e que serão analisadas.
Fonte: Acervo dos autores (2024).

Há dois fatores que provavelmente motivaram essas transformações: primeiro, o uso do solo com presença de muitas moradias e poucos pontos comerciais/de serviço; segundo, as demandas geradas pela intensa construção de residências no bairro, o que certamente favoreceu a busca de corretores interessados em montar escritórios, um restaurante que atende os trabalhadores das proximidades, além de empresas de engenharia e de ar-condicionado, que atuam na vizinhança.

A contextualização das apropriações do Conjunto evidencia a existência de uma demanda por um tipo de espaço que certamente falta no bairro. Além disso, permite inferir que as casas projetadas no Conjunto MBV2 são visualizadas pelos locatários como espaços capazes de atender a esses usos. Partindo dessa apreensão geral e dos possíveis motivadores, a seguir serão pormenorizados três casos de apropriações no conjunto, de modo a investigar como ocorre o desdobramento dessas demandas no espaço construído.

Apropriação 1

O primeiro caso consiste em uma casa que é integralmente utilizada para abrigar o escritório de um corretor de imóveis. Neste caso, não houve alterações significativas na forma dos espaços, mas uma mudança quase integral nos usos internos: o espaço da sala passou a servir de recepção, e os dois quartos se tornaram dois escritórios, conforme apresenta a planta a seguir.



mudança de uso sem mudança de planta
planta baixa | 2 quartos



alteração da forma
alteração do uso

alteração da forma
manutenção do uso

manutenção da forma
alteração do uso

manutenção da forma
manutenção do uso

Figura 9 – Planta da primeira apropriação: alteração de uso com manutenção da forma. Fonte: elaboração própria (2024).

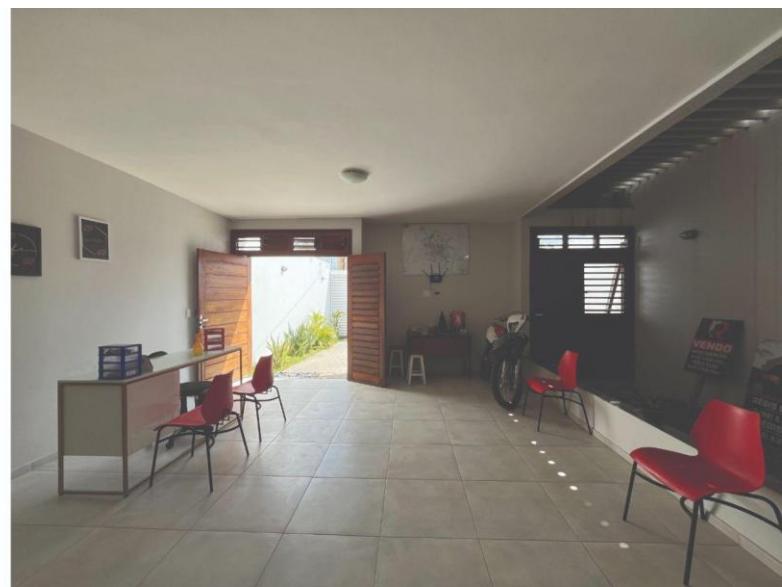


Figura 10 – Fotos da fachada principal da residência 01 e visão da sala de estar e jantar com o uso de ambiente comercial de trabalho e recepção. Fonte: acervo dos autores (2024).

Apropriação 2

No segundo caso, uma outra corretora de imóveis alugou uma casa com o intuito de destinar parte do espaço ao seu escritório, e utilizar os demais cômodos para sua residência. Nesse sentido, a sala foi redividida, abrigando junto à entrada um ambiente de trabalho com uma pequena recepção para os clientes. O escritório comunica-se com o restante da sala por meio de uma nova porta, embora o acesso à residência também possa ocorrer pelo pátio lateral, convertido em circulação e ambiente de estar. As áreas de cozinha e de salas de estar e jantar, apesar de reduzidas, tiveram usos preservados. Por fim, os demais cômodos mantiveram os usos previstos.



mudança parcial de uso com redivisão do espaço
planta baixa | 2 quartos



■ alteração da forma
■ alteração do uso
 ■ alteração da forma
■ manutenção do uso
 ■ manutenção da forma
■ alteração do uso
 ■ manutenção da forma
■ manutenção do uso

Figura 11 – Planta da segunda apropriação: alteração parcial de uso e redivisão do espaço. Fonte: Elaboração própria (2024).

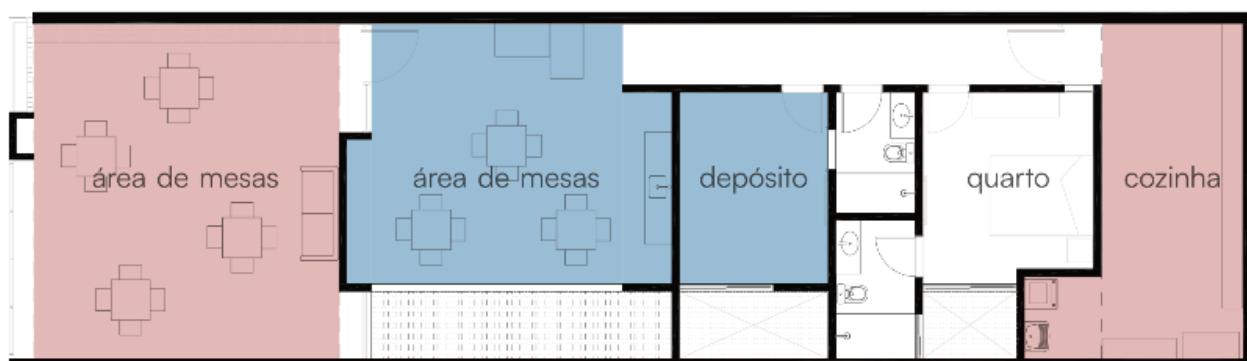


Figura 12 – Visão do pátio que virou circulação e redução da sala de jantar; visão da redução da sala de estar e ligação com a área comercial; visão da continuação da cozinha com redução da sala de jantar; e visão da sala de estar com novo uso comercial.

Fonte: Acervo dos autores (2024).

Apropriação 3

O terceiro e último caso trata de uma casa que passou a funcionar como restaurante e bar. Por essa razão, o locatário fez uma cobertura na entrada, que se tornou uma área de mesas, assim como a sala. Como a cozinha prevista inicialmente ficava na sala, todos os equipamentos foram transpostos para o quintal dos fundos, que também foi coberto e passou a funcionar como a cozinha do restaurante. Um dos quartos tornou-se depósito, e o outro ainda é utilizado como quarto pelo locatário.



mudança de uso com mudança de planta
planta baixa | 2 quartos

0 1 2.5 5.0 m

alteração da forma
alteração do uso alteração da forma
manutenção do uso manutenção da forma
alteração do uso manutenção da forma
manutenção do uso

Figura 13 – Planta da terceira apropriação: alteração de uso com alteração de forma (acréscimo de coberturas).
Fonte: Elaboração própria (2024).



Figura 14 – Visão da área de garagem com nova cobertura e transformada em área de mesas; visão da sala de estar, jantar e cozinha transformada em área de mesas, e visão do quintal e área de serviço com nova cobertura e transformados em cozinha.
Fonte: Acervo dos autores (2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de revisitar um projeto anos depois de sua ocupação sinaliza um esforço não só importante, como fundamental na prática de projeto: o de compreender e projetar as edificações como matérias inseridas no tempo, nunca estáticas ou definitivas, e de assumir o papel do arquiteto como responsável por viabilizar um suporte capaz de abrigar mudanças e adequações, garantindo as devidas qualidades espaciais e de segurança. Nesse sentido, em vez de usuários das edificações, podemos falar em agentes, cuja vivência nesse suporte se torna prática ativa de conformá-lo segundo suas preferências, necessidades e disposições. Trata-se ainda da quebra da ideia de autoria, associada ao exercício de desapego, no sentido de reconhecer que as modificações realizadas por esses agentes, por mais imprevisíveis ou mesmo distintas dos padrões formais que os arquitetos tenham estabelecido, são válidas.

O Conjunto MBV2 - estudo de caso abordado neste artigo -, foi pensado inicialmente para abrigar majoritariamente residências, com exceção dos pontos comerciais propostos no térreo do edifício misto. Contudo, o retorno quatro anos após a conclusão da obra permitiu verificar modificações que transformaram as casas, parcial ou integralmente, em pontos comerciais e de serviços. Além disso, frente às especificidades desses usos, modificações adicionais foram gradualmente alterando aquele conjunto integralmente branco, adicionando outras cores e materialidades.

Como se viu, há dois fatores que provavelmente motivaram essas escolhas dos locatários: em primeiro lugar, a inserção em um bairro majoritariamente residencial e a necessidade de espaços comerciais e de serviços para atender aquela vizinhança; em segundo, a intensa prática construtiva de uma área ainda em expansão no município, e o crescimento de usos diretamente relacionados às novas moradias, seja pelos corretores imobiliários ou pelo restaurante cuja clientela consiste principalmente em funcionários das obras do entorno. Para além da existência da demanda, no entanto, entende-se que a intensa mudança de uso ter ocorrido especificamente no conjunto valida a flexibilidade pretendida no projeto.

Nessa perspectiva, vale ressaltar a ideia de uma arquitetura apropriada com duplo sentido, como proposto pelo chileno Cristián Fernández Cox nos anos 1980 ao falar de uma modernidade apropriada na América Latina. Se, no caso dele, a ideia era falar nos "dois sentidos da palavra 'apropriada' em espanhol (apropriada em português) para defender uma modernidade que fosse ao mesmo tempo apropriada no sentido de própria, correta, a que faz sentido; e apropriada no sentido de absorvida, a que tomamos posse" (Lara, 2013, p. 34), aqui a ideia é tanto pensar na apropriação da arquitetura por parte de seus agentes como algo natural ao próprio processo de vida útil da arquitetura, como entender que, quanto mais a Arquitetura-suporte seja propícia e aberta às mudanças necessárias para ampliação de sua vida útil, mais ela será adequada e, portanto, apropriada. Trata-se, ao final, de desenvolver o sentimento de posse sobre aquela edificação (Habraken, 2011).

Dessa maneira, entende-se que a discussão desenvolvida foi capaz de demonstrar a abertura do projeto arquitetônico às apropriações dos locatários, conforme propôs o objetivo principal. Por fim, visualizam-se neste tema margens para outras investigações relevantes relacionadas à prática de projeto, a exemplo da análise dessa lógica sob a perspectiva do patrimônio edificado, dos espaços públicos ou dos grandes projetos urbanos.

REFERÊNCIAS

HABRAKEN, N. John. **Supports**: an alternative to mass housing. 2. ed. Londres: The Urban Internacional Press, 2011.

HABRAKEN, N. John; BOEKHOLT, J. T.; THIJSSEN, A. P.; DINJENS, P. J. M. **El diseño de soportes**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2000.

KENDALL, Stephen (ed.). **Residential Architecture as Infrastructure**: Open Building in Practice. New York: Routledge, 2022. (Open Building Series).

LARA, Fernando Luiz, Reinventando a América. In: BRAGA, Bruno Melo; LIMA, Lara Silva; RIBEIRO, Igor Lima (Org.). **Fórum Jovens Arquitetos Latino-americanos**: Inserções numa realidade periférica. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

MACIEL, Carlos Alberto. **Arquitetura como infraestrutura**: teoria. Belo Horizonte: Miguilim, 2019.

MENESES, Bianca Feijão de. **Arquitetura-Suporte para a moradia popular**. 2023. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/64269>. Acesso em: 30 set. 2024.